



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**A REPRESENTAÇÃO DA SECA NA OBRA *O QUINZE* DE RACHEL DE
QUEIROZ**

ELANE JANAÍNA VICENTE DE OLIVEIRA SILVA

CAMPINA GRANDE-PB
2009

ELANE JANAÍNA VICENTE DE OLIVEIRA SILVA

A representação da seca na obra **O Quinze** de Rachel de Queiroz

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em Letras da Universidade
Federal de Campina Grande, como exigência
da disciplina de Redação Científica.

Orientador: Dr. José Hélder Pinheiro Alves

Campina Grande-PB

2009

Elane Janaína Vicente de Oliveira Silva

A representação da seca na obra **O Quinze** de Rachel de Queiroz

José Hélder Pinheiro Alves
(Orientador)

José Mário da Silva
(Arguidor)

Campina Grande-PB

2009

Dedico esse trabalho a Deus, pela existência da força maior dentro de mim, e a todos os estudantes do Curso de Letras, que por ventura queiram conhecer um pouco sobre a obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela proteção como filha em todos os momentos da minha vida.

A meus pais, pelos ensinamentos e experiências imprescindíveis para a formação do meu caráter.

A meu esposo Edvaldo, pelo companheirismo ao longo do curso.

As minhas filhas Maria Elis e Maria Ester, pela compreensão nos momentos da minha ausência.

Aos professores do curso de Letras, pela contribuição fundamental para minha formação profissional.

A Unidade Acadêmica de Letras, pela dedicação dispensada.

Ao meu orientador Hélder, pela dedicação e os ensinamentos ao longo do curso e desse trabalho.

Deus é o nosso refugio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. Portanto, não temeremos ainda que a terra se transtorne e os montes se abalem no seios do mares; ainda que as águas tumultuem e espumejem e na sua furia os montes se estremeçam. Há um rio, cujas correntes alegam a cidade de Deus, o santuário das moradas do altissimo. Deus está no meio dela; jamais será abalada; Deus a ajudará desde antemanhã. Bramam nações, reinos se abalam; ele faz ouvir a sua voz, e a terra se dissolve. O Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio. Vinde, contemplai as obras do Senhor...

(Salmos 46; 1-8)

RESUMO

Neste trabalho procuramos analisar a representação da seca na obra *O Quinze, de Rachel de Queiroz*. A narrativa se realiza em duas ações paralelas que alternam pelos capítulos: de um lado Chico Bento e sua família – o drama do retirante que emigra em busca de uma vida melhor, mais humana, no caminho, a seca e suas conseqüências: físicas e humanas que interfere, sobretudo, na vida dos mais pobres que tentam sobreviver a cada dia enfrentando as injustiças sociais; de outro, os proprietários da terra a quem a seca também não perdoa: Vicente e o cuidado em salvar o seu gado; Conceição presta ajuda aos flagelados que chega a Fortaleza e Dona Inácia não quer deixar a sua fazenda. O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo fazemos um breve panorama sobre o Regionalismo de 30, baseado nas reflexões de alguns autores. O segundo aborda especificamente a autora, o enredo e os personagens inseridos na obra. E no terceiro e último, fazemos uma análise de como a seca age nos espaços caseiros e domésticos, na fazenda, na natureza e no percurso percorrido pelo personagem Chico Bento e sua família.

Palavras-chave: Seca, Nordeste, afetividade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 O Regionalismo de 30.....	10
CAPÍTULO II: AUTORA E OBRA.....	13
2.1 A autora.....	13
2.2 A obra – O Quinze.....	14
3.3 Enredo.....	15
3.4 Personagem.....	17
CAPÍTULO III: A REPRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EM <i>O QUINZE</i>	19
3.1 Tipos de Espaços.....	19
3.1.1 Espaço caseiro, doméstico.....	19
3.1.2 A seca na fazenda e no percurso.....	21
3.2 Descrições da natureza.....	23
3.2.1 Cenas que misturam personagens e a natureza/espaço.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

A ficção modernista é uma das fases mais altas da literatura brasileira devido à qualidade de produção dos autores dessa época como, por exemplo, a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade; e *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, entre outras obras.

No Brasil, na década de 1930, autores como Manuel Bandeira e Mário de Andrade fundiram as conquistas do modernismo estético e o interesse pelas realidades regionais, compreendendo o que se chamou de “romance do Nordeste”. Então, era necessário buscar no ambiente social, cultural e geográfico os elementos temáticos, os problemas típicos da realidade regional e os episódios, que seriam matéria de ficção e uma dessas temáticas é “a literatura das secas” que se estendeu pelo Modernismo com o chamado romance de 30: no Ceará, essa corrente do novo regionalismo foi inaugurada pelo romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. Azevedo (1985, p. 114).

O romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, apresenta-nos dois planos de trabalho: o primeiro é a saga dos retirantes que se deslocam do interior Ceará (mais precisamente da cidade de Quixadá) na seca de 1915, em direção de Fortaleza; o segundo, o idílio amoroso entre Conceição e Vicente, que não chega a concretizar-se, tragado pelo flagelo e pelo ar de miséria que tudo impregna.

A obra é um romance que fixa alguns aspectos do regionalismo de 30 ligado a uma corrente tradicional da cultura brasileira, de valorização da terra e da gente, de nativismo em que são caracterizadas pelos românticos e realistas que desde cedo, mostrou-se propenso a consolidar essa tradição. A preocupação com as coisas brasileiras, os motivos e temas nacionais, folclóricos, históricos, e com a linguagem brasileira. Assim Rachel, com vinte anos, escreve este romance valorizando aspectos do movimento regionalista.

Neste trabalho procuraremos analisar como a seca atua na natureza, nos animais, como também a vida dos personagens a exemplo do amor de Conceição por Vicente, que não se realiza, pois, cada um guarda consigo, sacrificando-o ao drama maior da seca.

O trabalho foi desenvolvido a partir da leitura e interpretação da obra *O Quinze*, publicada em 1930, levando em conta os seguintes aspectos: dados biográficos e a influência destes na composição da obra de Rachel de Queiroz; enredo, estrutura narrativa, espaço e aspectos psicológicos dos personagens.

Ele está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo fazemos uma síntese do regionalismo de 30, baseado nas reflexões de Alfredo Bosi (1999), Afrânio Coutinho (1996), Eduardo Portella et AL (1983), Sânzio Azevedo (1985) e Virgínius da Gama e Mel(1980). O segundo aborda especificamente a autora, o enredo e os personagens inseridos na obra. E enfim, no terceiro e último capítulo, fazemos uma análise da seca nos espaços domésticos e naturais, como também, nos animais e a vida dos personagens abordados na obra *O Quinze*, refletindo as conseqüências da seca, tão vil e voraz, capaz de destruir a vida do homem tal quanto a terra de onde retira sua subsistência.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O regionalismo de 30

A ficção modernista se renovou no Modernismo¹. Este movimento teve início com a semana da arte moderna em 1922, que foi um acontecimento e uma declaração de fé na arte (BOSI, 1999, p. 383-4). Em 1928, surgiram duas obras capitais, que marcaram a presença do regionalismo nas obras literárias: *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, com o eixo temático – a vida nos engenhos, a seca, o retirante, o jagunço; e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, que aborda entre outros aspectos o caráter folclórico.

As décadas de 1930 e 1940 são lembradas também pela era do romance brasileiro e não só da ficção regionalista. Esta é representada pelos clássicos de Graciliano, Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo, pela prosa cosmopolita de José Geraldo Vieira, e pelas páginas de sondagem psicológica e moral de Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Otávio de Faria e Cyro dos Anjos. Com o surgimento da prosa revolucionária do grupo de 22 (*Macunaíma*, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda*), “e abre caminho para formas mais complexas de ler e de narrar o cotidiano” (BOSI, 1999, p. 389) como também, uma ruptura com certa psicologia convencional.

O Modernismo e, num plano mais geral, a crise de 1930 (A crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) levaram a novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, ou seja, volta do naturalismo. A década de 1930 representa a série literária e as outras séries culturais, que atingem um alto grau de sincronização, permitindo o relacionamento crítico do discurso literário com outros discursos científicos. De norte a sul do país, escritores aparecem procurando captar em prosa, com a máxima veracidade, os temas, os costumes, os tipos, a linguagem, das várias regiões de que, geograficamente, se compõe o país. Assim cria-se, inclusive, um tipo de herói- o herói regional.

De acordo com Bosi (1999, p. 392) os romances brasileiros modernos se enquadram em quatro tendências, obedecendo ao grau crescente de tensão entre o “herói” e o seu “mundo”:

¹ Movimento artístico inovador.

- a) – “ *romance de tensão mínima*, em que “as personagens não se destacam visceralmente da estrutura e da paisagem que as condicionam”;
- b) – *romance de tensão crítica*, em que “o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social”;
- c) – *romance de tensão interiorizada*, em que o “herói não se dispõe a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação: evade-se, subjetivando o conflito”;
- d) – *romance de tensão transfigurada*, em que o “herói procura ultrapassar o conflito que o constitui existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade”;

Esse estudo obteve uma grande contribuição tanto para a crítica como para a constituição de uma nova consciência historicista da literatura brasileira. (TELES apud PORTELLA 1983, p.122) O Quinze se enquadra na segunda tendência de tensão entre herói e o seu mundo, ou seja, - *romance de tensão crítica*, em que “o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social”. Temos como exemplo de herói, o personagem Chico Bento, que luta contra um destino fatal, traçado pelas forças superiores do ambiente.

Um ponto de fundamental importância na consideração do Modernismo é o da sua relação com o Regionalismo. Não obstante haver quem afirme ter sido o Modernismo “inimigo de toda a espécie de tradicionalismo e de toda a forma de regionalismo”, parece evidente na época a tendência a fundir e conciliar o Modernismo e o Regionalismo. Segundo Coutinho e Souza (2001, p. 1087).

O regionalismo ligava-se a uma corrente tradicional da cultura brasileira, da valorização da terra e da gente, de nativismo, a qual, trabalhada pelos românticos e realistas, assumiu formas bem acabadas artisticamente, com Afonso Arinos, Monteiro Lobato, Valdomiro Silveira, e outros no plano da ficção.

A obra publicada em 1930 consolida a ficção regionalista com cenas e episódios característicos da região, como por exemplo, a luta homem-região, são traços descritivos da condição do retirante, uma forma de reivindicar o problema existente, mas, não traz soluções satisfatórias. Então, o regionalismo existe quando uma obra é localizada numa região determinada e dela retira a sua substância real. Essa substância decorre de vários elementos. Em primeiro lugar do fundo natural: temos a topografia, o clima, a flora e a fauna; no segundo

lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana vivenciada naquela região, as quais fizeram distinta de qualquer outra.

O aspecto regional alia-se à questão social e ao drama do proletariado. Sendo o romance social e revolucionário é um natural desdobramento do documentário regional e caracteriza a produção da “geração revoltada” da década de 30. Em que o regionalismo é puro ou social, levando a uma grande safra da ficção da década, no conto ou no romance, no cenário rural ou no cenário urbano. Teles (1983, p. 51) discorre sobre as características do homem nordestino: “a sua preocupação social, decorrente do problema das secas; a sua largueza de horizontes, levando-o a ver não apenas o pequeno, o estritamente regional, porém levando-o a descortinar o lado econômico-social do problema”.

CAPÍTULO II: AUTORA E OBRA

2.1 A autora

Rachel de Queiroz² já é uma escritora consagrada há muitos anos, por diversos autores, a exemplo de Rónai (1976), Bosi (1999), Coutinho (2004). Essa escritora, inquieta e sonhadora, mocinha de dezenove anos, impressionou os críticos devido à magnitude do seu primeiro trabalho, o livro *O Quinze*³. A partir dele, Rachel foi revelada para o mundo literário brasileiro. Esse livro retrata a seca ocorrida em 1915, que ela não vivenciou apenas ouviu falar; expressa a preocupação com a realidade hostil, a temática social e a nacionalização literária.

A escritora nasceu em Fortaleza, no ano de 1910 e desde então retrata um pouco de sua vida, do cenário no qual realizou seus trabalhos. No livro em estudo, por exemplo, trouxe as vivências – recordações da infância passada no sertão, em Quixadá, da vida familiar, da paisagem física, da gente simples e sofredora Para *As Três Marias*⁴, levou a experiência que viveu, em 1921, no Colégio da Imaculada Conceição onde foi internada pelos seus pais.

Logo após, Rachel dedica-se à crônica, seguindo suas tendências mais naturais para o jornalismo e, em 1940, escreve por encomenda, excetuando o seu teatro, no qual teve um prazer muito grande, pois fez pelo prazer de fazer.

Rachel nunca concorreu a prêmios literários, mas isso não foi motivo para deixar de ganhar alguns, a exemplo de: Prêmio Fundação Graça Aranha para *O Quinze*. 1930; Prêmio Sociedade Felipe d'Oliveira para *As Três Marias*. 1939; Prêmio Saci, de “O Estado de São Paulo”, para *Lampião*, 1954; Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de obra, 1957; Prêmio Teatro, do Instituto Nacional do Livro, e Prêmio Roberto Gomes, da Secretária de Educação do Rio de Janeiro, para a *Beata Maria do Egito*, 1959;

² Rachel de Queiroz foi a primeira escritora a integrar a Academia Brasileira de Letras (1977). Faleceu no Rio de Janeiro, aos 92 anos, em 4 de novembro de 2003.

³ O título do livro evoca a terrível seca do Ceará de 1915. A própria família de Rachel foi obrigada a fugir do Ceará: foi para o Rio de Janeiro, depois para Belém do Pará.

⁴ Livro de Rachel de Queiroz publicado em 1939.

Prêmio Jabuti de Literatura Infantil, da Câmara Brasileira do Livro (São Paulo), para *O Menino Mágico*, 1969.

Ela escreveu ainda: *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedras* (1937), *Dôra, Doralina* (1975), *Memorial de Caminho de Maria Moura Torta* (1948), *100 Crônicas Escolhidas* (1958), *O Brasileiro Perplexo - Histórias e Crônicas* (1964), *O Caçador de Tatu* (1967), *As Menininhas e Outras Crônicas* (1976).

A autora Rachel de Queiroz é vista como um contadeira de história pela maneira das narrativas populares e folclóricas. Seus romances apresentam um prolongamento de uma atitude tradicional que obedece a exigência literária – formas fixadas com significação e valor social determinados, o que chamam “romances”, tradicionalmente.

2.2 Obras – O Quinze

A obra *O Quinze* se insere no romance nordestino da geração de 30 e trata da caminhada de retirantes, do sertão à cidade, do retirante que guarda sempre a nostalgia de sua terra a ela voltando vez em de quando.

Nessa geração, o nordeste buscava novos rumos para o romance e foi a partir da publicação, em 1928, da obra *A Bagaceira* de José Américo de Almeida, que renova o tradicional romance nordestino, iniciado no romantismo e prolongado no naturalismo.

O romance *O Quinze* apresenta os pontos básicos: o herói, a estrutura linear do enredo e o narrador onisciente. Segundo Ronai (1976, p. 193):

O herói tradicional deixa-se descobrir como um indivíduo que se afirma a si mesmo no encontro com o mundo. Os heróis da ficção de Rachel de Queiroz permanecem fechados em seu mundo, em que são desenvolvidos no mesmo plano narrativo – a situação de desequilíbrio é apenas aparente advinda de certo determinismo do meio, de certa fatalidade, que torna o herói impotente ante as formas ecológicas –, não há possibilidade de mudar, embora tente. O mundo de seus personagens é um mundo de significados imobilizados.

A ficção de Rachel no mundo das fábulas é desenvolvida através da invenção dos personagens e da ação tudo acontece sob uma estrutura linear. O enredo da obra *O Quinze* é visto sobre duas ações paralelas que se alternam pelos capítulos: de um lado Chico Bento e sua família - o drama do retirante que emigra em busca de uma vida melhor, mais humana; no percurso, a sede, a fome, as injustiças sociais; de outro, os donos da terra a quem a seca também não perdoa: Vicente e a obstinação de salvar o seu gado, Conceição e Dona Inácia.

Com relação a terceira pessoa, pela onisciência, o narrador permanece fora da ação, tem uma versão mais elevada que a dos personagens, conduzindo-os e dirigindo-os como um Deus que sabe tudo da obra. É uma narrativa que mais se adapta ao verismo realista, ou seja, se alimenta de realidades concretas.

Ronai afirma que *O Quinze* é a obra “do detalhe concumentário social a análise do destino humano” (1976, p. 194). Classificado como um romance brasileiro que não pode fugir da paisagem, então a terra, com a seca e suas consequências exercem um determinismo sobre o homem, que luta contra um destino fatal, imposto pelo ambiente.

Em relação à linguagem nessa obra, podemos dizer que a autora pauta-se pela preocupação com a simplicidade aproximando a linguagem literária da linguagem falada. Nesse sentido, Rachel de Queiroz realiza as virtualidades que o sistema linguístico lhe oferece. Pois, “a petrificação linguística causada por excessiva rigidez de uma disciplina gramatical, dissociada da realidade, é a morte do idioma” (RONAI, op.cit., p.197).

Com isso, percebemos a importância das formas regionais relatadas pela autora quando fala da incorporação da linguagem falada e ouvida no ambiente nativo a língua com que ganha a vida nas folhas impressas. Gama e Melo (1980, p.27) acrescenta que a linguagem trabalhada na obra *O Quinze* é composta “por dizeres e modismos no pitoresco linguajar nordestino”. O que significa dizer, os neologismos são captados na mais pura tradição popular.

Portanto, essa obra de Rachel de Queiroz, com esse sentido, faz parte da ficção brasileira e de modo especial da ficção nordestina, em que é propagada uma matéria ficcional através do drama da gente simples, e sua luta pela sobrevivência numa terra hostil – drama vivenciado pelo homem universal, que se dimensiona na aprendizagem do viver.

2.3 Enredo

A obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz apresenta o enredo em dois planos:

O primeiro plano apresenta o vaqueiro Chico Bento e sua família. Chico Bento trabalhava como vaqueiro de Dona Maroca na fazenda das Aroeiras, na região de Quixadá. Cordulina, mulher submissa a autoridade do marido e analfabeta sofredora com o destino atrelado a miséria. Chico Bento e sua família representam o drama do retirante que emigra em busca de uma vida melhor, mais humana; no caminho, a sede, a fome, as injustiças sociais.

O segundo plano é a relação afetiva de Vicente, vaqueiro não-tradicional da região que cuida do seu gado com grande desvelo, e Conceição, sua prima professora, culta, inclusive de tendências feministas e socialistas o que estranha sua avó, mãe Nácia, que guarda as velhas tradições. No período das férias, Conceição ia para fazenda ficar com a família, no Logradouro perto de Quixadá. Com seus 22 anos ainda não pensava em se casar, mas se engraçava por seu primo Vicente. Ele era o proprietário do gado e com o advento da seca, a família de Mãe Nácia resolve ir para a cidade; deixando Vicente responsável pela sobrevivência dos animais. Conceição agora trabalhara no campo de concentração, local este que ficam alojados os retirantes. Conceição ao observar o comportamento de Vicente descobre que ele está de caso com uma caboclinha.

Então a professorinha fica enraivada com o vaqueiro e mãe Nácia a consola dizendo: ”minha filha, a vida é assim mesmo... Desde hoje que o mundo é mundo... Eu até acho os homens de hoje melhores.” (p.) Vicente se encontra com Conceição que sem perceber confessa as temerosidades dela. Ela passa a tratá-lo de um modo diferente, e Vicente estranha seu comportamento. Conceição observa que existe uma diferença de vida entre ela e seu primo e a quase impossibilidade de comunicação, Com o fim da seca eles retornam ao Logradouro.

Nos trechos abaixo, percebemos a realidade literária, sólida e configurada, um mundo animado.

Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral Esquelético, era tudo de um cinzento de borralho. O próprio leito das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida, cortada aqui e além por alguma pacavira defunta que retorcida as folhas empapeladas. Depois olhou um garrotinho magro que, bem pertinho, mastigava sem ânimo uma vergôntea estorricada (QUEIROZ, 2003, p. 24).

É uma luta contra a terra hostil: Vicente procura salvar seu gado, Conceição ajuda os flagelados que chega a Fortaleza, e Chico Bento, o vaqueiro da fazenda, segue pelo sertão com a família na busca de uma vida melhor – “a eterna luta com o sol, com a fome, com a natureza” (p. 21) que os tira do ”paraíso”, do lugar deles que tanto os ama e onde tem toda uma vida construída mesmo diante do sofrimento que a seca estabelece. Dona Inácia não aceita deixar a fazenda e, retorna quando as primeiras chuvas chegam à sua terra: “desde as primeiras chuvas, Dona Inácia iniciou seus preparativos de viagem. Desejava ir embora o mais depressa possível. Enfim! Voltava ao Logradouro, ao seu alpendre, à sua almofaça, à queijaria”!

2.4 Personagem

Apresentado o enredo da obra, obedeceremos a uma classificação das personagens dentro do esquema sugerido por Forster (apud. BRAIT, 1990).

Conforme Beth Brait (1990), para construir uma personagem, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um conjunto de métodos. O texto é o único dado concreto capaz de fornecer os elementos utilizados por ele para dar consistência à sua criação e estimular as reações do leitor. Assim, fica possível perceber numa narrativa as técnicas encontradas pelo escritor para dar forma e caracterizar as personagens. Com isso, a construção das personagens obedece a determinadas leis, cujas pistas só o texto pode fornecer. E para isso temos que ter em mente que essa apreensão é ditada pelos instrumentos fornecidos pela análise.

O crítico inglês E. M. Forster (apud BRAIT, 1990) qualifica as personagens em *planas* e *redondas*. As personagens planas são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade. Elas são imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações são estáticas, não reservando nenhuma surpresa ao leitor. É uma espécie de personagem que pode ainda ser subdividida em *tipo* e *caricatura*, dependendo da dimensão arquitetada pelo escritor.

As classificadas como *tipo* são aquelas personagens que alcançam o auge da peculiaridade sem atingir a deformação. Quando a qualidade ou idéia única é levada ao extremo, provocando uma distorção propositada, geralmente satirizando, a personagem passa a ser uma *caricatura*.

Já as personagens classificadas como *redondas*, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades que surpreendem convincentemente o leitor, assim sendo, dinâmicas, multifacetadas, construindo imagens muito particulares do ser humano.

Compactuando com a classificação de Forster, analisamos as personagens de O Quinze como: Conceição e Vicente são personagens redondos, porque eles são, dinâmicas, multifacetadas, construindo imagens muito particulares do ser humano, assim conduzem os fatos do início ao fim do romance. Conceição privilegia a sua liberdade e Vicente não abre mão da terra, com esse intuito as personagens não mudam a forma de agir ou pensar; Segundo

Gama e Melo (1980, p.26) As personagens do romance nordestino, na sua maioria, são símbolos, arquétipos, obedecendo a sua mobilidade ao caráter.

Com relação a Chico Bento e sua família podemos enquadrá-los como caricaturas, visto que as personagens têm uma personalidade marcante e são usados para mostrar a sociedade da época; finalizando, a personagem protagonista é a seca, responsável pela aventura do romance, sendo assim podemos classificá-la, de acordo com Forster, como personagem redonda, porque ela conduz o comportamento dos demais personagens de acordo com sua progressão, ela que faz acontecer os fatos de acordo com sua atuação.

Finalizando nossa análise, Azevedo já (1985, p.116) cita a seca como personagem principal, cujo papel é tão importante que chega a anular o enredo amoroso que é um idílio de Vicente e Conceição, a seca apresenta-se com uma predominância avassaladora, é certo, mas termina por resolver-se numa onipresença sem tintas demasiadamente sombrias. O romance retrata a grande miséria da seca e o cortejo de infelicidade que o fenômeno arrasta por si.

Concordamos que, a história de amor entre Vicente e Conceição poderia ser o lado bom e humano da história. Todavia, não é. Compreendemos que a dificuldade de comunicação entre os dois, a diferença cultural que os separa constituem ingredientes amargos para um desfecho infeliz. É como se a seca, responsável por tantos infortúnios, fosse causadora de mais um: a impossibilidade de ser feliz para quem tem consciência da miséria.

CAPÍTULO III: A REPRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS EM *O QUINZE*

3.1 Tipos de Espaços

Segundo Moises (1983, p. 22), o espaço é o lugar geográfico, por onde as personagens circulam durante o enredo. Em geral, uma rua, uma casa, um quarto ou uma sala e que dificilmente as pessoas se deslocam de um local para outro. Caso isso ocorra, não haverá acontecimento dramático no outro espaço.

O espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens (GANCHO, 1991, p. 23).

Ainda segundo essa autora, o espaço pode ser caracterizado em trechos descritivos ou pode estar dissolvido na narração. A representação do espaço na obra *O Quinze*, acontece no ambiente caseiro ou doméstico e no ambiente natural.

O espaço é um componente da narrativa que em certas narrações pode estar severamente diluído assim sendo prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante.

Para Moisés (1993, p. 158) o espaço pode manifestar-se poeticamente de vários tipos. Em primeiro lugar, teríamos de considerar o espaço referido, a referencialidade da poesia no tocante ao espaço exterior (o ar, a natureza, o firmamento, o cosmos, etc.); em segundo lugar o espaço interior do poema, o espaço construído ou evocado pelo poema; em terceiro lugar o poema enquanto espacialização, entendido como espaço autônomo, paralelo ao da natureza e o do cosmos, ou como a sugestão de um espaço por meio do corpo do poema, da sua materialidade física, gráfica.

A autora situa a história do romance *O Quinze* sem apresentar avanços nem recuos. A história é contada em linha reta, valorizando o presente, o cotidiano das pessoas. O passado é evocado raramente, muito mais por Conceição

Nesse sentido, observamos que a passagem do tempo dentro do romance é marcada de maneira tradicional, obedecendo à seqüência de início, meio e fim.

3.1.1 Espaço caseiro, doméstico

Como se observa, a autora apresenta-nos a Natureza (a chuva), os seres humanos representados pelas personagens, (avó-mãe Nácia, neta-Conceição) os objetos criados pelo ser humano (utensílios-quarto do santuário, rede) e os conceitos em relação aos meses que a chuva chega à região do nordeste, etc).

Neste exemplo 1, admite-se a correlação espaço/objetos, a referencialidade poética se estrutura em relação aos objetos (físicos) que compõem o mundo da realidade fora do poema.

Exemplo 1:

Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças, sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a:
 – E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...
 Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:
 – Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril (cap. I, p.11).

Assim, o espaço caseiro se apresenta quando a avó sair do quarto do santuário e quando Conceição estava fazendo as tranças sentadas numa rede no canto da sala.

Percebemos que esse espaço se apresenta no livro *O Quinze* quando as personagens Dona Inácia e Conceição executam a ação no ambiente quarto e sala, como mostra o movimento de destrançar em silêncio os fios encaminhados pela narrativa, no gesto doméstico, íntimo e interminável da Mãe Inácia a urdir a sua renda e de Conceição a compor as suas tranças.exemplo .

Exemplo 2:

Colocou a luz sobre uma mesinha, bem junto da cama – a velha cama de casal da fazenda – e pôs-se um tempo à janela, olhando o céu. E ao fechá-la, porque soprava um vento frio que lhe arrepiava os braços, ia dizendo:
 - Eh! A lua limpa, sem lagoa! Chove não!... (cap. I, p.12).

Como podemos observar, o espaço caseiro se apresenta à medida que os móveis são citados: a mesinha, a cama, e em seguida aparece uma janela que faz parte do quarto. Nesta cena, Conceição passa a observar o céu, a lua e a temperatura do vento, são ações de quem

observa a natureza para ver se futuramente irá chover ou não. Ela chega à conclusão que não haverá chuva, pois a lua está limpa, sem lagoa, ou seja, sem nuvens e o vento é frio.

A autora não utiliza glossário nas suas edições o que dificulta a apreensão para o leitor não nordestino de algumas expressões regionalistas⁵, como por exemplo, “- *Eh! a lua limpa, sem lagoa!*”, são expressões com o sentido de a lua em noites úmidas, e a negativa após o verbo. Os recursos utilizados na última frase como, por exemplo, a interjeição, o tom da oralidade nordestina e as reticências transparecem um sentimento de melancolia, tristeza, uma experiência vivenciada por Conceição de algo que espera tanto e não vem – a chuva.

3.1.2 A seca na fazenda e no percurso

Na fazenda com a permanência da seca, as árvores que ainda resistiam são chamadas de jurema e juazeiro, por serem árvores que não necessitam tanto d' água. Já os animais os mais fortes resistem, entretanto, com grande dificuldade para sobreviver sendo descritos como reses magras com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, resultado da grande seca que destrói toda a natureza, veja abaixo:

Exemplo 3:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão (cap. II, p.14).

A seca ainda não é uma ameaça para o vaqueiro Chico Bento, pois resta consigo um pouco de fé, de confiança e esperança na força maior. Ele não pensa em deixar tudo que conquistou para trás, afinal há outras maneiras de driblar este fenômeno.

Exemplo 4:

– Pois eu, não! Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu! Aquela velha é doida! Mal empregado tanto gado bom!
E depois de uma pausa, fitando um farrapo de nuvem que se esbatia no céu longínquo:

⁵ A classificação de *O Quinze* é de romance regionalista de temática social.

– E se a rama faltar, então, se pensa noutra coisa. Também não vou abandonar meus cabras numa desgraça dessas... Quem comeu a carne tem de roer os ossos...

Sacudido pela estrada larga do quartau, seguiu rápido, o peito entreaberto na blusa, todo vermelho e tostado do sol, que lá no céu, sozinho, rutilante, espalhava sobre a terra cinzenta e seca uma luz que era quase como fogo (cap. II, p.16).

De acordo com essa assertiva, percebemos o quanto o homem nordestino precisa criar estratégias para enfrentar as dificuldades da seca. O mais interessante é que ele tenta até o fim. Sempre tem esperança que vai encontrar soluções para amenizar a tragédia que a seca prolongada pode causar tanto para os seres humanos quanto para os animais e vegetais.

Moisés (1993, p. 162) diz que, “a geografia não é chamada para determinar um espaço, mas para servir de ambiente à projeção do ‘eu’, atua como seu prolongamento natural. Por isso a capital importância em que a prosa de ficção seria a arte da narração, na qual se congregam os mencionados recursos expressivos, - *a poesia é a arte da descrição, do eu*”.

Enquanto Dimas (1985, p. 7) ressalta que “quem se propõe uma geografia literária pouco acrescenta ao estudo da literatura, uma vez que incorre numa espécie de reducionismo realista paralelo ao do escritor”. O ponto de vista de Moisés está bem enquadrado na literatura, a geografia é um ambiente autônomo do eu, em que o eu constrói toda sua narração enquanto Dimas menospreza a geografia literária negando os valores construídos numa narração, percebemos quando Dimas cita Ferré.

A geografia literária não vai além de situar “os lugares, fictícios ou reais, onde se desenvolvem as aventuras dos heróis dos romances e do teatro, ressaltando o senso geográfico inconsciente do autor e o alcance geográfico de seus escritos” (FERRÉ, Apud DIMAS, p. 16).

Certo fragmento transparece uma veracidade tão intensa que é caracterizado como uma obsessão a fotografia comprovando um dado ficcional e a ele submissa, como que dando respaldo de veracidade ao texto que, por sua vez, preocupava-se com o *verossímil*. O ambiente descrito converte muitos de seus personagens em figuras frutos do meio e submetido à tirania, assim denota que o ambiente modela e determina a conduta humana.

Exemplo 5:

Só talvez por um milagre iam agüentando tanta fome, tanta sede, tanto sol (cap. XII, p.68).

O sol poente, chamejante, rubro, desaparecia rapidamente com um afogado, no horizonte próximo (cap. XIII, p.75).

O sol poente se refletia vermelho nos trapos imundos e nos corpos descarnados (cap. XX, p.116).

Dessa forma, percebemos que a autora apresenta a seca do nordeste e a fome como consequência, não trazendo ou tentando dar uma lição, mas como imagem da vida. Isso fica explícito que ela afirma que a seca é tão cruel e veraz que as roupas não protegem os corpos e sim restam apenas trapos imundos nos corpos descarnados.

3.2 Descrições da natureza

3.2.1 Cenas que misturam personagens e a natureza/espço

A região nordeste é marcada por características únicas, mas com variações de paisagem e modo de vida das pessoas percebidas entre o litoral e o sertão, o modo de falar, vestir, o calçar, os costumes da vida diária definem o rico acervo cultural do povo nordestino.

Essas variações percebidas nitidamente na paisagem marcam e definem o modo de vida das pessoas, nas regiões próximas ao litoral as fontes de renda são adquiridas através do comércio, da indústria, de serviços públicos, e demais serviços, já a paisagem característica é verde por ter uma maior incidência de chuvas possibilitando tanto uma agricultura mais rica como uma paisagem mais bela.

Exemplo 6:

Algumas reses, sem ir mais longe, começavam a babujar a poeira do panasco que ainda palhetava o chão nas clareiras da caatinga.

Outras, mais tenazes, seguiam cabisbaixas, na mesma marcha pensativa, a cauda abanando lentamente as ancas descarnadas.

Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tido de um cinzento de borralho.

O próprio leite das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida, cortada aqui e além por alguma pacavira defunta que retorcia as folas empapeladas.

Depois olhou um garrotinho magro que, bem pertinho, mastigava sem ânimo uma vergõntea estorricada.

E ao dar as costas, rumo a casa, de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo, murmurou desoladamente:

– Ô sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome!

A velha casa de taipa negrejava ao sol o telhado de jirau. Na latada, coberta de folhas secas, o cachorro cochilava ao calor do mormaço (cap. III, p. 24-25).

De acordo com as descrições acima, observamos que a autora tem o cuidado de retratar todos os elementos que sofrem consequências drásticas da seca prolongada. Dessa forma, é possível perceber o quanto esse fenômeno natural maltratar a vida do nordestino. Podemos verificar que ela, cita animais maltratados pela fome, vegetação obscura, lagoas com o leito rachado e as pessoas com aspectos envelhecidos pelo sofrimento do cotidiano. Assim, compreendemos que a seca atinge ao conjunto de elementos naturais e culturais que compõem a região nordeste.

A narrativa trabalha com a ordem direta dos fatos através dos períodos curtos e com uma linguagem impessoal, introspectiva, próxima da linguagem do Ceará, sendo perceptíveis as condições socioeconômica, cultural, intelectual e psicológica de cada personagem: “- Pois Madrin’ Nácia não me conhece? Eu sou a Mocinha, cunhada do Chico Bento, das Aroeiras...” (QUEIROZ, 2004, p. 147). Rachel utiliza bastantes artigos, para a individuação, substantivos concretos, adjetivos para qualificar as coisas e dá realismo as cenas, utiliza o ponto de interrogação para facilitar a reflexão do leitor. É um diálogo com ênfase nas reticências nas omissões de nexos - os chamados silêncios estilísticos- deixando claro o que deveria ser dito expressamente pela oradora.

Exemplo 7:

O vaqueiro, interrogado, concordou. Retirar, sempre era melhor... Ele iria levando o gado, devagarinho, por causa das vacas de bezerro... Madrinha Inácia, da cidade, teria o cuidado de mandar de vez em quando umas arrobas de caroço de algodão, para ajudar o trato... Na serra poderia ser até que escapasse muito... (cap.VI,p.39)

Em relação aos verbos, fazem uma construção dos melhores recursos estilísticos, com o uso da conjugação perifrástica dos verbos de movimento. Entre numerosos exemplos, podemos citar exemplo 8: “Depois, o cavalo e o cavaleiro foram-se destacando na sombra escura que avançava”. (cap.IV, p.28) Observe, estilisticamente, a serena beleza desse “avançava” para a proximidade, para o presente.

Exemplo 9:

O juazeiro era um só. O vaqueiro também se achou no direito de tomar seu quinhão de abrigo e de frescura.
E depois de arriar as trouxas e aliviar a burra, reparou nos vizinhos. A rês estava quase afogada. A cabeça inchada não tinha chifres. Só dois ocos podres, malcheirosos, donde escorria uma água purulenta.
Encostando-se ao tronco, Chico Bento se dirigiu aos esfoladores:

– De que morreu essa novilha, se não é da minha conta?

Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo:

– De mal-dos-chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar mode não dar para os urubus.

Chico Bento cuspiu longe, enojado:

– E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar...

O outro explicou calmamente:

– Faz dois dias que agente não bota um de-comer de panela na boca...

Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade:

– Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!

Realmente a vaca já fedia, por causa da doença.

Toda descarnada, formando um grande bloco sangrento, era uma festa para os urubus vê-la, lá da frieza mesquinha das nuvens. E para comemorar o achado executavam no ar grandes rondas festivas, negreando as asas pretas em espirais descendentes. (cap.VII, p.44-45).

Nesta cena, deparamos com uma situação de desespero, fome, miséria e falta de perspectiva nos dias seguintes. A maior rival dos retirantes era a fome, não importava de que maneira iria saciá-la, com isso apelavam até para a situação desumana ao pensar em comer um animal morto por doença. Contudo, fica claro em que estado as pessoas se encontravam na luta para sobreviver diante da seca. Entretanto, ainda restavam pessoas como Chico Bento, ao exercer um gesto de fraternidade, de amor ao próximo, mesmo não sabendo como seria sua alimentação no dia seguinte.

Exemplo 10:

Às vezes o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuacu que parecia ter passado perto deles. Mas o silêncio fino do ar era o mesmo. A morna correnteza que ventava passava silenciosa como um sopro de morte; na terra desolada não havia sequer uma folha seca; e as árvores negras e agressivas eram como arestas de pedra, enristadas contra o céu (cap. XI, p. 64-65).

Leve e doce o Aracati soprava. E lentamente foi-se abatendo sobre eles a noite escura pontilhada de estrelas, seca e limpa como um manto de cinzas onde luzissem faúlhas (cap. XII, p.70).

Da primeira vez, pensa-se em passar a vida inteira naquela frescura e naquela paz; as à última, sai-se com o coração pesado, curado de bucolismo por muito tempo, vendo-se na realidade como é agressiva e inconstante a natureza... Ele era bom de ouvir e de olhar, como uma bela paisagem, de quem só se exigisse beleza e cor (cap. XIV, p.79).

As janelas verdes, cerradas, o alpendre vazio, o curral, com a poeira seca do estrume meio varrida pelo vento (cap. XVI, 93).

A seca, com aquele sol eterno, Conceição com sua indiferença tão e longínqua, e o gado moribundo, os roçados calcinados, tudo crescia a seus olhos, na sombra espessa do quarto, em desmedidas proporções de pesadelo (cap. XX, p. 120).

O fragmento acima relata minuciosamente como a seca aniquila a natureza, os animais e as pessoas. É através de Vicente que o narrador amplia os contornos de Conceição. Assim, a ela é dada a conotação alegórica da própria seca, o que sublinha a inversão do esquema clássico já citado e encontra a perfeição irônica no próprio nome da protagonista. Vejamos as associações: “A seca, com aquele sol eterno, Conceição com sua indiferença...” Ou: “Pois que desaparecera a esperança de inverno e verde [...] Depois, vinha Conceição”.

Estes e outros aspectos de análise, de temática, de interpretação, de estilística são características dos romances de 1930, em que obedeceram e atenderam às orientações da crítica literária brasileira e também à crítica político-social das respectivas épocas, como produtos artísticos, são transfigurações de pensamentos críticos. Gama e Melo (1980, p.34) ressalta que autores consagrados na primeira fase do regionalismo, a exemplo de Rachel de Queiroz “examinavam com afetividade a realidade brasileira, através da realidade nordestina, e acenavam com a língua literária nacional, desejada há tanto tempo, e para a qual era predestinado histórico, social, cultural e economicamente.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerada escritora romancista, pela posição que ocupa na história da literatura nacional, Rachel de Queiroz conseguiu expressar na obra *O quinze* sua competência na economia da linguagem, que lhe permitiu introduzir uma escrita sóbria, rigorosa, antibarroca, avessa a qualquer demagogia no moderno romance nordestino.

Rachel pioneira, enquanto escritora mulher, evidência a consolidação de uma carreira literária, aos 19 anos com a publicação da obra intitulada, *O Quinze*, repercutindo em âmbito nacional por retratar as tragédias da seca de 1915, realidade atual, redigida com uma riqueza de elementos narrativos e descrições perfeitas da essência da seca que inspira diversos autores a seguir caminhos por ela traçados, concretizando assim seu projeto nacionalista de revelar o Brasil em todos os aspectos.

Com relação à linguagem, a autora trabalha com a ordem direta dos fatos através dos períodos curtos, sendo perceptível a utilização de artigos; para com isso a individuação, substantivos concretos, adjetivos para com isso qualificar as coisas e dão realismo as cenas; como também o ponto de interrogação para facilitar a reflexão do leitor. É um diálogo com ênfase nas reticências nas omissões de nexos - os chamados silêncios estilísticos- deixando claro o que deveria ser dito expressamente pela oradora.

Sua obra, fala dos injustiçados, da falta de consciência e de responsabilidade pelo destino do semelhante, da injustiça social e da desigualdade econômica, todos esses elementos desencadeados pelo problema da seca, fenômeno puramente climático.

Desta maneira, não apenas problemas ligados diretamente às questões narrativas foram tratados nas obras de Rachel, estrutura narrativa, enredo e personagens e seus traços psicológicos, como também nas histórias de Rachel, brilhavam os feitos, as audácias, a afetividade com a realidade brasileira, através da realidade nordestina, para a qual era predestinado histórico, social, cultural e economicamente.

Como pudemos observar, a temática da obra em análise tem caráter documental e social, os quais abrangem todos os problemas condicionados pela seca de maneira global, enfim, a seca que ocasiona a destruição da terra e do homem, induzindo- o a migração, sendo a única possibilidade e restituição de vida.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sânzio de. **Dez Ensaio de Literatura Cearense**. Fortaleza: Ed. UFC, 1985.

BOSI, Alfredo. **Historia Concisa da Literatura Brasileira**. 36ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COUTINHO, Afrânio e COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 1996.

DIMAS, Antônio. **Espaço e Romance** (Série Princípios). São Paulo: Ática, 1993.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

MELO, Virginius da Gama e. **O Romance Nordestino e Outros Ensaio**. João Pessoa: Editora Universitária /UFPB, 1980.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária. Poesia**. 12. ed, São Paulo: Cultrix, 1993.

_____ **A literatura brasileira através de textos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____ **A análise literária**. 12. ed, São Paulo: Cultrix; 2001.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 74ª ed, São Paulo: José Olympio, 2004.

QUINTELLA, Ary et al. **Cadernos de Literatura Brasileira**. Rachel de Queiroz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº 4, set, 1997.

RONAI, Paulo. **Seleção de Rachel de Queiroz**. Estudos e notas do Professor Renato Cordeiro Gomes. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

TELES, Gilberto Mendonça. A crítica e o Romance de 30 no Nordeste. In: PORTELLA, Eduardo et al. **O Romance de 30 no Nordeste**. Fortaleza: UFC/PROED, 1983.

WWW.univen.edu.br

[HTTP://www.releituras.com/racheldequeiroz-bio-imp.asp](http://www.releituras.com/racheldequeiroz-bio-imp.asp)

[HTTP://www.revista.agulha.nom.br/1faraujo02c.html](http://www.revista.agulha.nom.br/1faraujo02c.html)